

Brincar...essencial ao desenvolvimento: os olhares atentos dos Enfermeiros

Ana Lúcia Ramos¹; Elsa Vaz²
Eveline Maximino³; Maria Joana Dias⁴
Lina Dias⁵

RESUMO

Brincar é fundamental na vida da criança e os enfermeiros poderão intervir nesta área, quer como promotores da brincadeira para um desenvolvimento infantil saudável, quer recorrendo à brincadeira para comunicar com a criança.

Objectivos: Evidenciar a importância da brincadeira e do jogo na infância, assim como reflectir acerca da sua utilização pelos enfermeiros, seja como instrumento terapêutico na abordagem com a criança ou como elemento promotor de um desenvolvimento infantil saudável. Método: Revisão crítica da literatura com recurso às bases de dados B-ON®, EBSCOhost®, motores de busca GOOGLE® e GOOGLE SCHOLAR® e documentos de referência nacionais e internacionais. Questões de partida: Qual a importância da brincadeira no desenvolvimento infantil? De que forma pode contribuir para melhores cuidados de enfermagem em saúde infantil e pediatria? Conclusão: A brincadeira é a atividade principal da infância. Esta afirmação baseia-se não só no tempo que as crianças dedicam a esta atividade mas também, e principalmente, pela influência que esta exerce no desenvolvimento infantil: é um indicador do seu desenvolvimento e, simultaneamente, uma forma de desenvolvimento e estruturação do seu ser. Para além do prazer que pode proporcionar, a brincadeira possui um lugar fundamental no desenvolvimento infantil, proporcionando benefícios a nível do desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e físico (Hansen et al, 2007). A brincadeira permite a compreensão dos significados de situações que muitas vezes a criança é incapaz de verbalizar. Enquanto brinca, é frequente a criança espelhar e encenar situações reais que já ocorreram, dar nome de familiares, amigos e pessoas significativas aos bonecos, dramatizando algumas das suas vivências, o que muitas vezes pode ser útil para o diagnóstico de uma situação-problema. Deste modo, a brincadeira constitui um recurso importante ao qual os enfermeiros devem estar atentos, pois permite-lhes conhecer melhor a criança, entrar no seu mundo e a partir daí recolher dados fundamentais ao processo de enfermagem.

PALAVRAS-CHAVE: brincadeira, jogo, brinquedo terapêutico, enfermagem de saúde infantil e pediátrica

INTRODUÇÃO

Brincar faz parte da vida do Homem e em especial da vida da criança desde o início da humanidade. É uma atividade inerente à infância, sendo considerado um dos principais processos onde são desenvolvidas as potencialidades e capacidades da criança;

através do brincar ocorre o desenvolvimento infantil.

“Brincar potencia o desenvolvimento da

¹ Enfª Especialista em Saúde Infantil e Pediátrica; Mestre em Saúde Pública; Doutoranda em Enfermagem, na Universidade Católica Portuguesa. Prof. Adjunta Equiparada na ESS|IPS

² Enfª Especialista em Saúde Infantil e Pediátrica; CHCL- Hosp.Sta Marta, Serv.de Cardiologia Pediátrica

³ Enfª Especialista em Saúde Infantil e Pediátrica, Serviço de Pediatria do Hospital do Espírito Santo de Évora, EPE

⁴ Enfª Especialista em Saúde Infantil e Pediátrica; Pediatria/ Unidade de Neonatologia, Hospital José Joaquim Fernandes, Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo

⁵ Enfª Especialista em Saúde Infantil e Pediátrica; Centro de Saúde de Beja, Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo

criança. Ao brincar, exploram e reflectem sobre a realidade e a cultura na qual estão inseridas, interiorizando-as e, ao mesmo tempo, questionando regras e papéis sociais: aprende a conhecer, aprende a fazer, aprende a conviver, sobretudo, aprende a ser” (Gomes; 2008, p.1).

Em grande parte das sociedades contemporâneas, a infância é marcada pelo brincar. De acordo com a pesquisa realizada nas obras e documentos existentes mais relevantes nesta temática, assim como recorrendo a bases de dados como a EBSCO®, B-ON®, além do motor de busca Google® e GoogleScholar®, e apesar das “diferenças epistemológicas das abordagens de Jean Piaget (1974), Lev Vygotsky (1989), Donald Winnicott (1975) e Melanie Klein (1997), todos os autores valorizam a dimensão simbólica e lúdica das brincadeiras e as funções do brincar como elemento fundamental para a socialização, construção do conhecimento e elaboração afectiva da criança” (Abrão et al, 2006, p.1).

Brincar é fundamental na vida da criança e os enfermeiros poderão intervir nesta área, quer como promotores da brincadeira para um desenvolvimento infantil saudável, quer recorrendo à brincadeira para comunicar com a criança.

“O brinquedo pode ajudar a criança doente a aliviar, lidar e até resolver conflitos. Experiências e sentimentos passados, os vários medos, a dor do tratamento podem ser

revividos de formas mais aceitáveis, possibilitando-lhe maior domínio sobre a sua situação, além de ser uma tentativa de resgatar a alegria escondida com o aparecimento da doença” (Melo, 2003, p. 50).

Com este artigo pretende-se, assim, evidenciar a importância da brincadeira e do jogo na infância, assim como reflectir acerca da sua utilização pelos enfermeiros, seja como instrumento terapêutico na abordagem com a criança ou como elemento promotor de um desenvolvimento infantil saudável.

A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA E DO JOGO

O brincar faz parte da vida do Homem e em especial da vida da criança desde o início da humanidade. É uma atividade inerente à infância, sendo considerado um dos principais processos onde são desenvolvidas as potencialidades e capacidades da criança; através do brincar ocorre o desenvolvimento infantil.

Mas o que é o brincar?

Existe, por vezes, alguma dificuldade em compreender o significado atribuído à brincadeira, jogo e brinquedo, devido à variedade de fenómenos considerados como jogo e brincadeira, sendo muitas vezes somente o contexto social em que tais atividades se encontram inseridas que permite compreender o sentido desses termos.

Apesar de alguns autores citados por Cordazzo & Vieira (2007), como Negrine (1994), Friedmann (1996), Baptista da Silva (2003), Biscoli (2005), Vygotsky (1991) não façam a diferenciação semântica entre jogo e brincadeira, utilizando ambas as palavras para designar o mesmo comportamento - a actividade lúdica, outros autores consideram diferentes os conceitos de jogar e brincar.

Dantas citado por Kishimoto (2002, p.111) reforça a ideia de que brincar e jogar são parte integrante da actividade lúdica, referindo que “brincar é anterior a jogar, conduta social que supõe regras. Brincar é a forma mais livre e individual.”

“Brougère e Wajskop (1997) afirmam que a brincadeira é simbólica e o jogo funcional, ou seja, enquanto a brincadeira tem a característica de ser livre e de ter um fim em si mesma, o jogo inclui a presença de um objectivo final a ser alcançado, a vitória. Este objectivo final pressupõe o aparecimento de regras pré-estabelecidas. Estas regras geralmente já chegam prontas às mãos da criança. As regras dos jogos têm relação íntima com as regras sociais, morais e culturais existentes.” (Cordazzo & Vieira, 2007,p.92)

As crianças têm diversas razões para brincar, como o próprio prazer que podem usufruir enquanto brincam. Segundo Bruner (citada por Kishimoto, 2002, p. 143) “ ao brincar, a criança não está preocupada com os resultados. É o

prazer e a motivação que impulsionam a acção para explorações livres”.

De facto, ao brincar a criança está a ser estimulada constantemente e a diversos níveis, devendo a brincadeira ser considerada como muito mais do que uma simples ocupação do tempo livre, pois promove crescimento individual e social (Cordazzo & Vieira, 2007).

Uma das principais funções da brincadeira consiste no desenvolvimento das relações entre a criança e o mundo. Ao brincar, a criança torna-se criativa e reinventa o mundo, desenvolve a afectividade e, por meio do mundo mágico do faz-de-conta, explora os seus próprios limites, “partindo para uma aventura que poderá levá-la ao encontro de si mesma” (Kiche, 2009, p.125). De uma forma geral, a brincadeira incentiva a interação entre os pares, a resolução construtiva de conflitos, a formação de um cidadão crítico e reflexivo (Queiroz, 2006, p.169).

Parecem, assim, consensuais os benefícios da brincadeira, dos quais destacam-se os seguintes:

- A criança aprende, brincando: o brincar é desenvolvimento e promove o desenvolvimento. Através da brincadeira, a criança consegue expressar “de modo simbólico as suas fantasias, desejos e experiências vividas” (Martins, 2001, p.76). Brincar estimula a resolução de situações-problema, sendo por vezes desafiadora, obrigando a criança a

procurar novas estratégias de resolução perante um conflito ou novidade na brincadeira, reorganizando as suas estruturas e possibilitando o desenvolvimento de estruturas mais complexas (Abrão et al, 2006, p.3). Por meio do brinquedo, a criança transforma-se num investigador activo, lidera e adquire o domínio da situação utilizando a brincadeira e a fantasia (Martins et al, 2001, p.77). Em síntese, a brincadeira permite à criança criar e explorar um mundo que pode dominar, combatendo os seus medos enquanto pratica papéis de adultos. A sensação de domínio do mundo através do jogo, permite desenvolver competências que aumentam a sua confiança e resiliência, que as ajudarão a enfrentar desafios “reais” futuros (Ginsburg, 2007, p.183);

- Ao brincar, a criança prepara-se para a cidadania democrática: através da brincadeira, a criança é “forçada” a sair do seu estado egocêntrico e centralizado em que vive, redireccionando a sua percepção para o mundo exterior, para as propriedades existentes nos objectos, para as relações sociais, para as normas e regras, caminhando na direção do respeito pelo outro e, conseqüentemente, desenvolvendo relações de cooperação e reciprocidade (Piaget, citado por Abrão, 2006, p.5). Brincando, a criança aprende como trabalhar em grupo, a partilhar, a negociar, a tomar decisões e a resolver conflitos (Ginsburg, 2007, p.183). Também a cultura é passada

através do jogo: esquemas lúdicos e formas de jogo passam de geração em geração, adulto para a criança, e de criança para criança (Sutton-Smith, 1979, citado por Neto, s.d.);

- A brincadeira permite fortalecer a interacção pais-filhos: de uma forma simples, brincar promove uma excelente oportunidade de interacção entre pais e filhos (Ginsburg, 2007, p.183). De uma forma geral, a pessoa com quem a criança brinca é a mesma a quem ela recorre quando se sente assustada e necessita de ajuda, estabelecendo um vínculo de confiança importante durante a hospitalização, como veremos adiante.

A BRINCADEIRA AO LONGO DOS TEMPOS

Apesar de todas as características e benefícios da brincadeira anteriormente apontados, nem sempre a brincadeira foi contemplada na infância.

Brincar é a atividade predominante na infância e tem sido foco de atenção, com o objectivo de se proceder à sua caracterização, de identificar a sua influência no desenvolvimento infantil, bem como na saúde da criança e de avaliar a sua relação com os processos de educação e de aprendizagem nas crianças.

No entanto, como e quando se brinca na sociedade actual?

“As mudanças sociais ocorridas nos últimos 20-30 anos alteraram significativamente a vida familiar. Os hábitos quotidianos transformaram-

se, os ritmos e as rotinas de crianças e jovens também. Brincar na rua é em muitas cidades do Mundo uma espécie em vias de extinção. O tempo espontâneo, do imprevisível, da aventura, do risco, do confronto com o espaço físico natural, deu lugar ao tempo organizado, planeado, uniformizado, à tendência para institucionalizar as actividades de tempo livre” (Neto, s.d, p.1).

De acordo com alguns estudos referidos pelo mesmo autor, a aparente dificuldade de gestão do tempo de vida das crianças é um fenómeno mais evidente nos grandes centros urbanos, o que facilitou o aparecimento de instituições dedicadas à organização dos tempos livres, como alternativas ao jogo livre e espontâneo.

De facto, talvez pelo quotidiano das famílias com crianças, têm cada vez mais surgido alternativas ao estar com a família, acompanhadas de fortes campanhas de marketing. Os pais de hoje são, com frequência, abordados com a ideia de que bons pais são aqueles que comprem desmesuradamente jogos, brinquedos, “ocupação de tempo fora de casa”, como as actividades fora do horário escolar. Desde muito cedo, as crianças são expostas a vídeos, livros e brinquedos especializados, desenhados para assegurar o excelente desenvolvimento e estimulação necessária à criança, segundo as campanhas publicitárias. Atualmente existem já variados

canais de televisão e até ginásios destinados, exclusivamente, às crianças.

Mas todas estas mudanças nestes últimos anos, porquê?

São várias as razões de todas estas mudanças (adaptado de Ginsburg, 2007, p.184): (1) o número de famílias com ambos os pais a trabalhar aumentou, tal como o número de famílias monoparentais; deixaram de haver tantas famílias em que os avós pudessem ficar com as crianças, o que faz com que seja necessário grande parte das crianças frequentarem as creches e infantários desde cedo, bem como actividades extra-curriculares, onde estão a ser supervisionadas por adultos; (2) a pressão do marketing, de familiares e da sociedade em geral, referindo que bons pais são aqueles que conseguem promover na criança todas as oportunidades de enriquecimento, conseguido através de várias actividades atléticas e artísticas; (3) a competitividade da sociedade actual, em que logo desde o nascimento surge a procura pelas melhores escolas, mais prestigiadas que possam dar melhor preparação às crianças, tendo em conta o acesso (futuro) à universidade; (4) as crianças passaram a divertir-se passivamente diante da televisão ou através de jogos de computador, em contraste com todas as outras atividades criativas e mais benéficas para a saúde; (5) a dificuldade e o risco associado às brincadeiras de rua, nalguns locais.

O ENFERMEIRO E A OPORTUNIDADE DE RECURSO À BRINCADEIRA

Lebovici & Diatkine (1985) citados por Melo (2003, p.40) afirmam que o modo como a criança brinca é um indicativo de como ela está e como ela é. Tendo em conta esta afirmação, facilmente consegue-se perceber as oportunidades únicas que a brincadeira possibilita, como Enfermeiros, para comunicar e prestar cuidados à criança e família.

A comunicação, como instrumento básico de enfermagem, constitui-se fundamental em torno do processo de cuidados de enfermagem. Esta importância é fulcral quando se fala em cuidados prestados à criança e família.

Pode-se, então, dizer que a brincadeira abre a porta ao mundo da infância, permitindo aos Enfermeiros de uma forma subtil perceber o modo como a criança se encontra, as suas vivências, expectativas e receios, aspectos tão fundamentais para o integral desenvolvimento com sucesso da criança.

Tal como refere Tavares (2008, p.47): “o brincar faz parte da vida da criança, é um aspecto inerente à mesma que não pode, de forma alguma, ser negligenciado. Ressalta aos olhos de quem passa na rua, a satisfação patente na cara de uma criança que brinca. Numa profissão que lida diariamente com crianças, como no caso da enfermagem de saúde infantil e pediatria, é impreterível que se estimule o

“brilho nos olhos” em cada criança com que nos relacionamos, tendo o cuidado, de entre outras coisas, deixá-la brincar, pois o instrumento mais adequado quando se lida com a infância é mesmo o brincar”.

Tendo em conta os aspectos atrás referidos, entende-se que brincar durante a infância de uma criança é essencial ao seu desenvolvimento saudável e que, provavelmente criança que não brinca, deve ser alvo de preocupação.

Como podem, então, os Enfermeiros intervir?

Os Enfermeiros, como profissionais de saúde que acompanham as crianças e suas famílias, desde o nascimento, interessados em promover bem-estar e a otimizar o potencial de desenvolvimento físico, emocional e social das crianças e famílias, encontram-se numa posição privilegiada, no que diz respeito à promoção da brincadeira, quer nas consultas de saúde infantil, atividades comunitárias e de saúde escolar, no contexto dos Cuidados de Saúde Primários, quer quando a criança se depara com algum problema de saúde e recorre aos Cuidados de Saúde Diferenciados.

Assim, cabe ao Enfermeiro, trabalhar com as crianças e famílias para que os pais compreendam a importância da brincadeira no desenvolvimento saudável dos seus filhos, aceitando as escolhas que fazem, de uma forma confiante e segura, independentemente de todas as estratégias de marketing que ocorrem.

O Enfermeiro deve, então (adaptado de Ginsburg, 2007, p.187):

- Promover a brincadeira espontânea e livre como sendo uma parte essencial da infância, recomendando que deve ser contemplado tempo para as crianças serem criativas, brincarem livremente, refletirem e descomprimirem das regras e rotinas dos jogos estruturados, permitindo que sejam elas próprias a conduzir a brincadeira;
- Referir as vantagens associadas ao jogo e brincadeira activa, em detrimento do entretenimento mais passivo, como os jogos de computador e a televisão. Alguns trabalhos de investigação, referidos por Neto (s.d., p.13), têm vindo a demonstrar a importância de um envolvimento de jogo e actividade física associado a hábitos saudáveis de vida, através de uma elevada correlação positiva com a saúde física, psicológica e emocional;
- Aconselhar os pais/pessoas significativas, na escolha de brinquedos seguros e adaptados à criança, que permitam interacção, o uso do imaginário, adequados a cada criança, e não tendo apenas em vista a sua idade. Os Enfermeiros podem, ainda, incentivar as famílias a adoptarem hábitos de leitura, desde a idade mais precoce;
- Explicar aos pais/ pessoas significativas a importância de brincarem com os seus filhos, o que parece enriquecer a ligação e interacção pais-filhos, transmitindo às crianças um

sentimento de proteção, carinho e segurança, muito importante para o seu desenvolvimento ao longo da vida;

- Refletir com os pais a necessidade de criar momentos em família, em que todos conversem, oiçam e falem, simplesmente, lembrando que para o sucesso das crianças é fundamental que se sintam amadas e que sejam foco de atenção.

- Ajudar os pais na tomada de decisão no que respeita a produtos, atividades e intervenções de marketing, para a produção de “super-filhos”. No que respeita a esta intervenção, os Enfermeiros devem encorajar a exploração de diferentes áreas de interesse, tendo em conta os interesses da criança, mas sempre sem pressionar nem criar expectativas irreais para serem excelentes em todas as áreas, como requisito para o sucesso.

É evidente a grande área de actuação do Enfermeiro e a responsabilidade que tem no que respeita à promoção do brincar na vida quotidiana das crianças e suas famílias. Estas intervenções devem, obviamente, ter em conta a criança e família que temos à nossa frente, pressupondo um amplo conhecimento acerca da dinâmica familiar e recursos existentes.

Podemos, então, afirmar que é fundamental que os Enfermeiros brinquem com as crianças... Brincar, além de proporcionar diversão, propicia grandes estímulos a nível emocional. “É através do brincar e dos diferentes tipos de brinquedos

que a criança, de acordo com a faixa etária, desenvolve seu potencial nas diferentes áreas de socialização, linguagem, psicomotricidade e criatividade” (Collet; Oliveira, 2002, citado por Rocha, 2005, p.173).

“O brincar permite disfarçar o dia-a-dia no hospital, produzindo uma realidade única e própria, alternando entre o mundo imaginário e o mundo real, a criança transpõe a barreira da doença, bem como os limites de tempo e de espaço” (Mitre & Gomes, 2004, p. 148).

A brincadeira permite a compreensão dos significados de situações que muitas vezes a criança é incapaz de verbalizar. Enquanto brinca, é frequente a criança espelhar e encenar situações reais que já ocorreram, dar nome de familiares, amigos e pessoas significativas aos bonecos, dramatizando algumas das suas vivências, o que muitas vezes pode ser útil para o diagnóstico de uma situação-problema.

“A dramatização de papéis ou de conflitos, conduzindo a uma diminuição de ansiedade pela função da catarse, é tão importante que constitui a base de uma técnica de psicoterapia infantil, a ludoterapia, assim como do brinquedo terapêutico” (Ribeiro, 2002, citado por Rocha, 2005, p.173).

Estes aspectos, tão importantes para a criança saudável, assumem a sua “plenitude na criança que se encontra hospitalizada. Por essa razão, deverão manter-se todos os esforços para que a

criança brinque durante a sua estadia no hospital” (Tavares, 2008, p.48).

O BRINQUEDO TERAPÊUTICO

O direito de brincar encontra-se contemplado no artigo 6.º da Carta da Criança Hospitalizada, que refere que:

“as crianças não devem ser admitidas em serviços de adultos. Devem ficar reunidas por grupos etários para beneficiarem de jogos, recreios e actividades educativas adaptadas à idade com toda a segurança” (IAC, 2008, p.10).

São vários os autores (Algren, Faleiros, Sdala e Rocha, citados por Tavares, 2008 p. 49) que defendem a brincadeira em contexto hospitalar, pois considera-se essencial para o seu bem-estar mental, emocional e social. Estes autores assumem que a brincadeira no hospital é importante pois permite: “proporcionar diversão e relaxamento, ajudar a criança a sentir-se mais segura no ambiente que para ela é estranho, minimizar a ansiedade da separação e saudades de casa, aliviar tensões e expressar sentimentos, estimular a interacção e o desenvolvimento de atitudes positivas em relação aos outros, actuar como meio de atingir metas terapêuticas, aceitar os cuidados de enfermagem, coloca a criança em posição activa, oferecendo-lhe a possibilidade de fazer escolhas e de se sentir no comando” (Tavares, 2008, p. 49).

Uma das alternativas para promover a brincadeira, baseia-se na utilização do brinquedo terapêutico, que consiste “num brinquedo estruturado para a criança poder descarregar a ansiedade gerada por experiências anómalas para a sua idade, que podem ser ameaçadoras (Steele citado por Ribeiro, 1998; Castro, Silva e Ribeiro, 2000; Ribeiro, Sabatés & Ribeiro, 2001, citados por Tavares, 2008, p. 51).

“O brinquedo terapêutico proporciona à criança hospitalizada a oportunidade de reorganizar a sua vida e diminuir a ansiedade, podendo também ser utilizado para ajudá-la a reconhecer os seus sentimentos, assimilar novas situações e compreender o que se passa no hospital” (Martins, 2001, p. 78).

Tem também a função de colaborar na preparação da criança para procedimentos terapêuticos, promovendo a compreensão do tratamento, esclarecer e corrigir conceitos errados, que eventualmente possam existir. Constitui, assim, “uma ferramenta fundamental aos profissionais da área da saúde (Enfermeiros) que trabalham em serviços dirigidos à criança, unidades pediátricas, especialmente aquando da necessidade de procedimentos invasivos, propiciando maior aceitação e cooperação” (Kiche, 2009, p.126).

O brinquedo terapêutico pode ser utilizado sob diversas formas: uma das suas utilizações pode ser através de bonecos e roupas de

personagens do quotidiano hospitalar que poderão protagonizar uma história que conte, por exemplo, as rotinas do hospital, as diferentes intervenções a que a criança irá ser sujeita; também é possível a utilização do brinquedo terapêutico, com a finalidade de preparar a criança para determinados procedimentos, dando-lhe a oportunidade de manusear os materiais a serem utilizados, dramatizando a situação que vai ocorrer.

Outra forma de utilização do brinquedo é por meio do palhaço, que traz alegria e descontração aos serviços e às instituições, como a “Companhia do Riso, Saúde Brincando: a terapia do humor, Operação Nariz Vermelho, em Portugal” (Tavares, 2008, p. 55). De facto, não é só nas crianças que a brincadeira produz efeitos: “A utilização da brincadeira e do humor como meio de comunicação entre as crianças / enfermeiros é extremamente benéfica para as primeiras, mas também para as enfermeiras, como forma de escape ao dia-a-dia, de conviver com o stress, com a morte, com o sofrimento, a incapacidade das crianças. O humor é tão necessário aos profissionais de saúde como para as pessoas que são por eles cuidadas” (José, 2002, citado por Tavares, 2008, p.57).

Por fim, não resistimos em partilhar a ideia que encontrámos durante a pesquisa bibliográfica, relativamente ao cuidado de enfermagem à criança: “ao cuidar a criança doente, o enfermeiro deverá, através dos seus cuidados,

ambicionar atingir a excelência da arte do cuidar, com sentimento, emoção e brincadeira ... como um artista! Este não é somente aquele que pinta, que compõe, que sobe aos palcos. Um artista pode ser caracterizado pela capacidade de, ao trabalhar, criar e realizar acções que evoquem o seu sentimento e o dos outros, munido da sensibilidade necessária para escolher o momento e instrumento adequado para satisfazer as necessidades dos outros (Françani et al, 1998, p. 27). Esta é a nossa concepção enquanto enfermeira ... a enfermeira é uma artista!”

CONCLUSÃO

A brincadeira é a atividade principal da infância. Esta afirmação baseia-se não só no tempo que as crianças dedicam a esta atividade mas também, e principalmente, pela influência que esta exerce no desenvolvimento infantil: é um indicador do seu desenvolvimento e, simultaneamente, uma forma de desenvolvimento e estruturação do seu ser. Para além do prazer que pode proporcionar, a brincadeira possui um lugar fundamental no desenvolvimento infantil, proporcionando benefícios a nível do desenvolvimento cognitivo, social, afectivo e físico (Hansen et al, 2007).

Relativamente aos benefícios cognitivos da brincadeira, Morais (citado por Hansen et al, 2007, p.138) defende que são: “a capacidade de

concentração, o desenvolvimento da lógica e da linguagem na criança”.

Também Cordazzo & Vieira (2007, p.94) referem que: “os aspectos simbólicos de sociabilidade, linguagem e cognição também são estimulados na brincadeira. O jogo é uma forma das crianças interagirem entre si, vivenciarem situações, reflectirem e questionarem-se, formularem estratégias e, ao verificarem os seus erros e acertos, poderem reformular, sem punição, o seu planeamento e suas novas acções. (...) A brincadeira também é uma rica fonte de comunicação, pois até mesmo na brincadeira solitária a criança, pelo faz de conta, imagina que conversa com alguém ou com os seus próprios brinquedos, desenvolvendo a linguagem com a ampliação do vocabulário e o exercício da pronúncia das palavras e frases”.

No que respeita aos benefícios afetivos e emocionais da brincadeira, brincar permite a expressão de conflitos, afetos e emoções, mais facilmente do que por palavras. A criança ao brincar expressa o seu mundo e a forma como o vê.

Hansen et al (2007, p.138) dizem-nos que a brincadeira “oferece à criança a possibilidade de se conhecer melhor, tendo, assim oportunidade de encontrar no outro atitudes e habilidades que causem admiração, que combinem com a sua maneira de pensar, que

causem vontade de conhecer melhor o outro, emergindo daí as primeiras amizades.”

Podem-se destacar, também, os benefícios físicos da brincadeira, que ajudam “a desenvolver o vigor físico e algumas habilidades necessárias para a vida adulta” (Hansen et al 2007, p.138). Algumas brincadeiras favorecem o desenvolvimento de determinadas habilidades como a agilidade e a destreza, outras proporcionam o desenvolvimento da psicomotricidade fina.

Quanto aos benefícios sociais da brincadeira, Hansen et al (2007, p.138) afirmam que ao brincar “a criança é capaz de resgatar valores e sentimentos, como a responsabilidade, além de aprender a importância da negociação, da conquista, de conviver com regras e a resolver conflitos”.

A brincadeira oferece a possibilidade de imitar o mundo dos adultos e treinar os seus comportamentos, sem que surjam quaisquer consequências.

Cordazzo & Vieira (2007, p.94) referem que, “o jogo ao ocorrer em situações sem pressão, em atmosfera de familiaridade, segurança emocional e ausência de tensão ou perigo proporciona condições para aprendizagem das normas sociais em situações de menor risco”.

Tal como referem Teixeira e Gomes (2008, p.1), “através das actividades lúdicas as crianças desenvolvem várias capacidades, explorando e reflectindo sobre a realidade, a cultura na qual

estão inseridas, incorporando e, ao mesmo tempo, questionando regras e papéis sociais”.

Constata-se, assim, que através do brincar a criança desenvolve-se e prepara-se para a vida, assimilando a cultura do meio em que vive, nele se integrando e adaptando e aprendendo a conviver como um ser social.

Deste modo, a brincadeira constitui um recurso importante ao qual os enfermeiros devem estar atentos, pois permite-lhes conhecer melhor a criança, entrar no seu mundo e a partir daí recolher dados fundamentais ao processo de enfermagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORDAZZO, S. T., VIEIRA, M. L. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. Estudos e pesquisas em psicologia, 2007, 89-101.

FRANÇANI, Giovana - Prescrição do dia: infusão de alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência à criança hospitalizada. Revista latino-americana Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 6, n. 5, p. 27-33, Dezembro 1998.

GINSBURG, Kenneth – The importance of Play in promoting healthy child development and maintaining strong parent-child bonds. American Academy of Pediatrics: Pediatrics, vol.119, número 1, Jan, 2007.

HANSEN, J., et al - O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da psicologia evolucionista. Revista brasileira do crescimento e desenvolvimento humano , 2007, p. 133-143.

INSTITUTO DE APOIO À CRIANÇA (IAC) – Carta da Criança Hospitalizada. Lisboa, IAC: Humanização dos serviços de atendimento à criança. 4.^a Edição. Maio de 2008.

KICHE, Mariana; ALMEIDA, Fabiane – Brinquedo terapêutico: estratégia de alívio da dor e tensão durante o curativo cirúrgico em crianças. *Acta Paulista de Enfermagem*, 2009; 22(2): 125-130.

KISHIMOTO, Tisuko (organizadora) – O Brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. ISBN – 85-221-0155-8.

MARTINS, Maria do Rosário et al – Protocolo de preparo da criança pré-escolar para punção venosa, com utilização do brinquedo terapêutico. *Revista latino-americana de Enfermagem*, 2001 março; 9(2); 76-85.

MELO, Luciana – Do vivendo para brincar ao brincando para viver: o desvelar da criança com câncer em tratamento ambulatorial na brinquedoteca. Tese de doutoramento em Enfermagem. Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 2003.

QUEIROZ, Norma et al – Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. *Paidéia*, 2006, 16 (34), 169-179.

ROCHA, Patrícia - O brinquedo terapêutico como um modo de cuidar de crianças vítimas de violência. *Ciência, cuidado e saúde. Maringá*, v.4, n.º 2, p.171-176, Maio/Agosto 2005.

TAVARES, Patrícia – Acolher brincando: a brincadeira terapêutica no acolhimento de enfermagem à criança hospitalizada. Dissertação de Mestrado em Ciências de Enfermagem. Porto: Universidade do

Porto. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, 2008.

Referências Electrónicas

ABRÃO, Jorge – Que brincadeira é essa? A brinquedoteca móvel no Hospital. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciência e Letra e Assis. [Acedido a 29 de Outubro de 2009]. Disponível na internet em http://www.assis.unesp.br/encontrosdepsicologia/ANAI_DO_XIX_ENCONTRO/17_Liana_de_Paula_Merola.pdf.

GOMES, Bruno – A importância do Brincar no Desenvolvimento da Criança, 2008. [acedido a 17/10/2009]. Disponível em

<http://malhaatlantica.pt/acaecm/Bruno.htm>,

NETO, Carlos – A criança e o jogo: perspectivas de investigação. Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa. [Acedido a 29 de Outubro de 2009]. Disponível em http://www.drealg.min-edu.pt/upload/docs/ea/dsapeo_pes_art_1.pdf.

NETO, Carlos – Jogo na criança e desenvolvimento psicomotor. Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa. [Acedido a 29 de Outubro de 2009]. Disponível em http://www.drealg.min-edu.pt/upload/docs/ea/dsapoe_pes_art_5.pdf.

TEIXEIRA, A. R., GOMES, J. - O lúdico na educação infantil. Brasil, 2008. [acedido a 1 de Novembro de 2009 às 11h] em [http://www.uel.br/inclusao-social/pages/arquivos/iii-](http://www.uel.br/inclusao-social/pages/arquivos/iii-EBIS/trabalhos/pdf/Andrea%20Regina%20Teixeira.pdf)

[EBIS/trabalhos/pdf/Andrea%20Regina%20Teixeira.pdf](http://www.uel.br/inclusao-social/pages/arquivos/iii-EBIS/trabalhos/pdf/Andrea%20Regina%20Teixeira.pdf)